

## DESAFIOS PEDAGÓGICOS DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Jekcilhane Rigo<sup>1</sup>

Eliézer Pandolfo da Silva<sup>2</sup>

Maria Bernadete Mustifaga<sup>3</sup>

Vianeí Luís Hammerschmitt<sup>4</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar como os fatores sociais, culturais e emocionais enfrentados pelos estudantes nos anos iniciais do Ensino Fundamental impactam no processo de alfabetização das crianças. Nesse sentido, construiu-se uma argumentação teórica a partir de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão. O trabalho adquire relevância acadêmica na medida em que apresenta estratégias fundamentais para melhorar a aquisição da leitura e escrita por meio de estratégias integradas para a efetividade da alfabetização e do letramento. Nesse sentido, além do papel da família, da sociedade e da escola, é importante que o professor em suas estratégias de ensino, atente para o acolhimento e fortalecimento emocional da criança, valorize a diversidade cultural para gerar processos de inclusão principalmente para aqueles que já vem com mazelas sociais e econômicas.

**Palavra-chave:** Alfabetização, Letramento; Criança.

### ABSTRACT

His work aims to analyze how the social, cultural, and emotional factors faced by students in the early years of Elementary Education impact the literacy process of children. In this sense, a theoretical argument was constructed based on a bibliographical research on the subject in question. The work gains academic relevance as it presents fundamental strategies to improve reading and writing acquisition through integrated strategies for effective literacy. In this sense, in addition to the role of the family, society, and the school, it is important that the teacher, in their teaching strategies, pays attention to the reception and emotional strengthening of the child, values cultural diversity to generate inclusion processes, especially for those who already come with social and economic hardships.

**Keywords:** Literacy, Literacies; Child

### INTRODUÇÃO

Com objetivo de analisar como os fatores sociais, culturais e emocionais enfrentados pelos estudantes nos anos iniciais do Ensino Fundamental impactam no

---

<sup>1</sup>Estudante do Curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI/UCEFF. jekcilhane@gmail.com

<sup>2</sup>Docente do Curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI/UCEFF. Contato: Eliezer@uceff.edu.br

<sup>3</sup>Docente do Curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI/UCEFF. Contato: mariabernadete@uceff.edu.br

<sup>4</sup>Docente do Curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI/UCEFF. Contato: vianeil@uceff.edu.br

processo de alfabetização das crianças, este trabalho visa explorar o tema, desafios pedagógicos da alfabetização e letramento. Considerando que múltiplos fatores podem afetar o desenvolvimento da criança e impactar de forma positiva ou negativa a apropriação de conhecimentos e competências, delimita-se o tema da pesquisa para fatores sociais, culturais e emocionais que interferem no processo de alfabetização.

A docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental e sua relevância para o desenvolvimento cognitivo e social das crianças é um processo estratégico carregado de sentido pedagógico. No entanto, os professores enfrentam diversos desafios que podem influenciar diretamente na eficácia do processo de alfabetização. Entre esses desafios, destacam-se as condições sociais adversas dos estudantes, as diferenças culturais e as questões emocionais que permeiam a vida do estudante e do professor.

Nessa consonância surge problema acerca do tema proposto: Como os fatores sociais, culturais e emocionais enfrentados pelos educandos nos anos iniciais do Ensino Fundamental impactam no processo de alfabetização e letramento?

Para orientar a produção da pesquisa, desenvolve-se os objetivos específicos: Identificar o percurso histórico do processo de alfabetização no Brasil; compreender como o estudo da neurociência impacta no processo de alfabetização, diante da maturação anatômica, neuroplasticidade, conectividade cerebral, processamento neurológico e aquisição da ciência cognitiva da leitura; destacar a importância do clima organizacional da família na aquisição da aprendizagem e engajamento dos estudantes; examinar os aspectos sociais, emocionais e culturais que interferem no processo de aquisição da neuro-alfabetização.

Considerando que o processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental é um dos pilares da Educação Básica, com implicações significativas para o desenvolvimento cognitivo e social das crianças, é evidente que, a efetividade desse processo é frequentemente comprometida por uma variedade de desafios que vão além das técnicas pedagógicas e dos conteúdos curriculares. Entre esses desafios, destacam-se questões sociais, culturais e emocionais que afetam tanto os estudantes quanto os docentes.

Portanto, este artigo adquire relevância acadêmica na medida em que a pesquisa oferece subsídios pedagógicos para melhoria da prática docente e para a promoção de uma educação mais inclusiva e eficaz que possa beneficiar todos os

estudantes, independentemente de suas circunstâncias pessoais.

Em relação a metodologia da pesquisa optou-se em fazer uma conversação com elementos teóricos ao focar na análise e na interpretação de ideias provenientes de uma bibliografia consolidada. Esse tipo de pesquisa se caracteriza por explorar e integrar conceitos desenvolvidos por outros pesquisadores, oferecendo um panorama amplo e detalhado sobre um determinado tema. Ao utilizar teorias já estabelecidas, a pesquisa teórica não apenas fundamenta a investigação com base em uma sólida estrutura conceitual, mas também permite que o pesquisador situe seu estudo dentro de um contexto acadêmico mais amplo.

No âmbito da pesquisa teórica, adotar uma abordagem qualitativa é especialmente relevante. Segundo Rampazzo e Corrêa (2008, p. 70), “a base da pesquisa qualitativa se configura na fenomenologia e na dialética”. A fenomenologia, ao se concentrar na experiência subjetiva e na percepção do indivíduo, busca entender como os fenômenos são vivenciados e interpretados pelos participantes. Já a dialética, com sua abordagem crítica e de confronto de ideias, permite uma análise mais profunda das interações entre diferentes aspectos do objeto de estudo. Portanto, uma pesquisa qualitativa procura captar o significado atribuído às situações e aos eventos no contexto social, oferecendo uma visão conveniente e detalhada dos argumentos envolvidos no desenvolvimento acadêmico.

## **DESENVOLVIMENTO**

O processo de alfabetização no Brasil tem suas origens no Período Colonial e passou por diversas transformações ao longo dos séculos. Desde os primeiros esforços de educação formal, a alfabetização no país refletiu as mudanças sociais, políticas e culturais que marcaram a história brasileira. Os primeiros registros sobre a educação no Brasil datam de 1554, quando os jesuítas chegaram ao país e fundaram as primeiras escolas. No entanto, essas instituições atendiam um número muito limitado de pessoas. De acordo com Karnal (2003), "a presença jesuítica na educação era restrita e elitizada, limitando o acesso à educação formal e deixando grande parte da população fora do alcance das escolas" (Karnal, 2003, p. 72). A expulsão dos jesuítas em 1759, por ordem do Marquês de Pombal, marcou o fim desse período e resultou em um déficit educacional significativo, com menos de 0,1% da população escolarizada.

No final do século XIX e início do século XX, o Brasil iniciou um processo de sistematização da educação. Em 1876, as primeiras tentativas de organização do sistema educacional começaram coincidindo com a transição política para a República. Nesse período, foram introduzidos os primeiros métodos de ensino de leitura, baseados em abordagens sintéticas, como o método alfabético. Segundo Brites (2000), "essa abordagem enfatizava a decodificação de palavras a partir da combinação de letras, refletindo uma tentativa inicial de criar um sistema pedagógico mais estruturado" (Brites, 2000, p. 56).

A segunda fase da alfabetização no Brasil começou em São Paulo, após 1890, quando a pedagogia e os métodos analíticos ganharam destaque. Essa fase foi marcada por uma intensa disputa entre os defensores dos métodos analíticos e os adeptos dos métodos sintéticos mais tradicionais. Conforme González (2006), "os métodos analíticos buscavam desenvolver uma compreensão mais holística da leitura, em contraste com a abordagem fragmentada dos métodos sintéticos, criando um campo fértil para debates educacionais" (González, 2006, p. 142). O termo "alfabetização" surgiu nesse período, embora o foco ainda estivesse predominantemente na leitura, enquanto a escrita permanecia ligada à caligrafia.

Por volta de 1920, a terceira fase da alfabetização trouxe uma rejeição dos métodos analíticos que haviam se tornado obrigatórios na fase anterior. O surgimento dos métodos mistos e dos testes ABC para avaliar o desempenho dos estudantes marcou essa etapa. Cunha (2011) descreve que "a introdução dos métodos mistos visava combinar o melhor dos métodos analíticos e sintéticos, refletindo uma tentativa de criar um sistema de ensino mais integrado e eficaz" (Cunha, 2011, p. 88). Essa fase também destacou a importância dos aspectos psicológicos do ensino, enfatizando a necessidade de adaptar os métodos às características individuais dos estudantes.

A quarta fase, iniciada em 1980, foi caracterizada pela restauração da democracia e pela ascensão do construtivismo. Essa abordagem educacional se distanciou da tradição behaviorista e focou no aprendizado ativo e na construção do conhecimento pelo aluno. Silva explica que "o construtivismo trouxe uma nova perspectiva para a educação, priorizando a autonomia do aluno e o desenvolvimento de habilidades críticas, embora a falta de métodos estruturados tenha sido uma limitação significativa" (Silva, 2003, p. 103). A ausência de um método de ensino-aprendizagem claramente definido continua a ser um desafio nas escolas brasileiras.

Na década de 1990, o sistema educacional brasileiro experimentou uma expansão significativa e se universalizou, com o objetivo de melhorar a competitividade do país em um contexto globalizado e digital. Embora o acesso à educação tenha aumentado consideravelmente, ainda persistem desafios relacionados ao nível de aprendizado dos estudantes. Macedo (2015) observa que "a universalização da matrícula nas escolas foi um avanço notável, mas o desafio de garantir uma educação de qualidade e efetiva continua a ser um obstáculo significativo" (Macedo, 2015, p. 132).

Na contemporaneidade, o processo de alfabetização enfrenta mudanças significativas, embora tais transformações não necessariamente resultem em melhorias substanciais na qualidade da educação oferecida. Com a expansão do Ensino Fundamental de 8 para 9 anos, dois aspectos importantes emergem na alfabetização das crianças brasileiras. Primeiro, a idade mínima para ingresso no Ensino Fundamental foi reduzida de 7 para 6 anos, antecipando em um ano o início do processo de alfabetização. Em segundo lugar, foi criado, em 2006, o Ciclo de Alfabetização, que abrange os 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental. Este ciclo demanda decisões curriculares e pedagógicas que considerem a criança em sua totalidade, reconhecendo tanto suas potencialidades quanto suas limitações.

Partindo do princípio de que toda prática pedagógica carrega, consciente ou inconscientemente, uma concepção de aquisição do conhecimento, torna-se pertinente revisar as diversas correntes teóricas que influenciam as práticas de alfabetização no Brasil. A alfabetização, entendida como o processo de aprender a ler e escrever, deve ser distinguida do letramento, que envolve a capacidade de interpretar e compreender o que se lê e escreve (Carvalho, 2009).

Soares (2016) critica métodos de ensino que promovem a leitura e escrita de forma mecânica e repetitiva, desconectada da compreensão do conteúdo. Segundo Soares (2016, p. 38), a alfabetização não deve se limitar à aquisição do alfabeto por meio de repetição e cópia, mas sim envolver a aprendizagem de um sistema de notação arbitrário, que não reflete diretamente o que representa. Ela deve ser entendida como a conversão da cadeia sonora da fala em escrita, proporcionando uma compreensão mais profunda da língua escrita.

Em síntese, a alfabetização deve ir além da simples aquisição do código gráfico e considerar a compreensão e a interpretação do que é lido e escrito, promovendo um aprendizado mais integrado e significativo.

## NEUROCIÊNCIA E ALFABETIZAÇÃO: COMO O CÉREBRO APRENDE

A neurociência tem revolucionado o entendimento sobre a aprendizagem, particularmente no contexto da alfabetização. A aquisição da leitura e escrita é um processo complexo que envolve uma série de mecanismos cerebrais, incluindo a maturação anatômica, a neuroplasticidade, a conectividade cerebral e o processamento neurológico. Estes aspectos são fundamentais para a compreensão de como o cérebro se adapta e desenvolve habilidades de leitura e escrita, oferecendo esclarecimentos valiosos para a prática pedagógica.

A compreensão da alfabetização no cérebro de um indivíduo envolve um exame detalhado de como as estruturas e processos neurais sustentam a aquisição e a utilização da leitura e da escrita. Desde o início da infância, a alfabetização não é apenas uma habilidade adquirida através de métodos pedagógicos, mas também um processo profundamente enraizado em como o cérebro humano desenvolve e organiza suas funções cognitivas. O aprendizado da leitura e da escrita ativa regiões cerebrais específicas, incluindo aquelas responsáveis pelo processamento visual, auditivo e linguístico, permitindo a decodificação de símbolos escritos e a construção de significado. O cérebro, em sua capacidade de adaptação e plasticidade, molda suas redes neurais para otimizar essas habilidades com base nas experiências e práticas individuais.

A maturação anatômica do cérebro é um aspecto evidente para o desenvolvimento da alfabetização. Durante a infância, o cérebro passa por um desenvolvimento anatômico significativo que influencia diretamente a capacidade de leitura. De acordo com Almeida *et al.* (2012), "a maturação das áreas cerebrais responsáveis pelo processamento da linguagem e da visão são campos fundamentais para a aquisição da leitura, permitindo que o cérebro integre informações visuais e fonológicas" (p. 85). Esse desenvolvimento inclui a formação e refinamento de redes neurais específicas, como aquelas localizadas no córtex occipito-temporal e no giro angular, que são essenciais para a decodificação de palavras e a compreensão do texto.

Ademais, a neuroplasticidade compreende a capacidade do cérebro de se reorganizar e formar novas conexões em resposta a novas experiências, também desempenha um papel vital no processo de alfabetização. Segundo Souza *et al.*

(2016), "a neuroplasticidade permite que o cérebro ajuste suas redes neurais à medida que a criança adquire habilidades de leitura, facilitando a adaptação a novas informações e práticas pedagógicas" (p. 142). Esse fenômeno é observado na maneira como as crianças se adaptam às práticas de leitura e escrita, desenvolvendo novas conexões neurais que suportam a fluência e a compreensão da leitura.

Outrossim, a conectividade cerebral refere-se à comunicação entre diferentes regiões do cérebro e é essencial para o processamento eficiente da leitura. Segundo Silva e Costa (2018), "a eficiência na conectividade entre o córtex visual, o giro angular e o córtex de Broca é fundamental para a integração de informações visuais e fonológicas durante a leitura" (p. 210). A habilidade do cérebro em coordenar essas áreas permite a transformação de informações visuais em fonológicas e a compreensão de palavras e frases, facilitando a leitura fluente.

Portanto, a comunicação da conectividade cerebral é fundamental para processos cognitivos e comportamentais, incluindo a Conectividade Estrutural, referindo-se às conexões físicas reais entre diferentes regiões do cérebro, como as fibras nervosas (axônios) que conectam neurônios. A Conectividade Funcional é fundamentada na forma como diferentes regiões do cérebro funcionam juntas em sincronia. É frequentemente avaliada usando a ressonância magnética funcional (MRI) para observar padrões de atividade cerebral que ocorrem simultaneamente em diferentes regiões e a Conectividade Eficiente, a qual é responsável pela análise da eficiência com que as regiões cerebrais trocam informações, muitas vezes avaliada através de modelos matemáticos e algoritmos de rede.

O processamento neurológico da leitura envolve a coordenação entre percepção visual e análise linguística. De acordo com Lima e Oliveira (2014), "o processamento da leitura é um processo complexo que exige a integração de informações visuais e fonológicas, mediada por áreas especializadas no cérebro que permitem a decodificação e a compreensão do texto" (p. 76). Esse processamento é facilitado pela interação entre diferentes regiões cerebrais, que trabalham em conjunto para interpretar e compreender o texto lido.

A ciência cognitiva da leitura oferece uma perspectiva sobre como o cérebro processa e compreende o texto. Conforme destacado por Pereira e Santos (2020), "a ciência cognitiva da leitura examina como o cérebro realiza a decodificação de palavras e a integração de significado, considerando a importância de processos

como a atenção e a memória de trabalho na leitura" (p. 95). A compreensão desses processos é essencial para desenvolver estratégias pedagógicas que promovam a alfabetização eficiente e atendam às necessidades individuais das crianças.

O funcionamento das redes neuronais fundamentado na concepção da neurociência concede uma compreensão detalhada dos mecanismos cerebrais envolvidos na aprendizagem da leitura e escrita. A maturação anatômica do cérebro, a neuroplasticidade, a conectividade cerebral e o processamento neurológico são interligados e desempenham papéis essenciais no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Compreender a fundamentação desses processos, oferece uma base sólida para práticas pedagógicas que melhor atendam às necessidades das crianças e promovam um desenvolvimento mais eficaz da alfabetização.

Um dos principais desafios para a alfabetização da nova geração é a integração eficaz da pluralidade social e a diversidade encontrada em salas de aula contemporâneas. As turmas são compostas por estudantes de diferentes origens culturais, linguísticas e socioeconômicas, o que exige uma abordagem diferenciada para garantir que todos tenham acesso a uma educação de qualidade. Costa (2019) ressalta que "a diversidade exige dos professores uma adaptação constante de suas práticas pedagógicas, promovendo um ambiente inclusivo que respeite e valorize as diferenças culturais e sociais dos estudantes" (p. 59). Para enfrentar esse desafio, os educadores precisam adotar metodologias que considerem as variadas experiências e contextos dos estudantes, o que pode incluir o uso de materiais didáticos diversificados e a aplicação de estratégias de ensino personalizadas.

Além disso, a desigualdade na infraestrutura escolar e a escassez de recursos educacionais são problemas persistentes que afetam a prática docente. Muitas escolas enfrentam limitações significativas em termos de materiais e equipamentos, o que pode comprometer a eficácia da alfabetização. Oliveira (2020) aponta que "a falta de recursos e de infraestrutura adequada exige dos professores uma abordagem criativa para suprir as carências e buscar alternativas que possibilitem um ensino de qualidade, mesmo em contextos desfavorecidos" (p. 87). Os educadores, constantemente, precisam improvisar e adaptar seus métodos para superar as limitações impostas pelas condições materiais, com o propósito de garantir que todos os estudantes tenham acesso às ferramentas necessárias para aprender.

A formação inicial e contínua dos professores também é um aspecto

determinante, o qual influencia a prática de alfabetização. A necessidade de atualização constante em relação a novas metodologias e descobertas pedagógicas é fundamental para enfrentar os desafios contemporâneos. Lima (2017) afirma que "a formação de professores deve ser um processo contínuo que permita aos educadores atualizar seus conhecimentos e habilidades, refletir sobre suas práticas e adaptar-se às novas demandas educacionais" (p. 112). A falta de oportunidades para a formação continuada pode limitar a capacidade dos professores de implementar novas práticas e abordagens eficazes para a alfabetização.

## **FATORES SOCIAIS QUE INTERFEREM NA ALFABETIZAÇÃO**

A alfabetização é um processo complexo e multifacetado, que envolve não apenas o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, mas também a interação de uma série de fatores socioeconômicos e familiares. No contexto brasileiro, a qualidade da alfabetização das crianças pode ser profundamente impactada pela moradia, estabilidade familiar e pelo suporte disponível dentro do ambiente familiar. Estes aspectos são evidentes para o fortalecimento do processo de aprendizagem do indivíduo, pois afetam diretamente o desenvolvimento das competências linguísticas iniciais.

O ambiente de moradia é um dos fatores determinantes na alfabetização das crianças. A literatura aponta que condições precárias de moradia, como a falta de espaço adequado e a ausência de um ambiente propício para o estudo, sem incentivo familiar neste processo, prejudicam significativamente a aprendizagem. Segundo Ribeiro e Souza (2020), a moradia inadequada frequentemente resulta em um ambiente de aprendizado desfavorável, onde a criança não dispõe de um espaço tranquilo e adequado para realizar suas atividades escolares. Esses autores argumentam que a exposição a condições de vida adversas, como a falta de acesso a materiais educativos e a presença de ruídos constantes, pode inibir o desenvolvimento cognitivo e a capacidade de concentração das crianças, fatores determinantes para o processo de alfabetização (Ribeiro; Souza, 2020, p. 52).

Além das condições físicas da moradia, a desestruturação familiar tende a proceder uma uma série de desafios para a criança, incluindo a instabilidade emocional e a falta de apoio contínuo no processo educativo. Segundo Silva e Costa (2021), a instabilidade familiar, que pode incluir mudanças frequentes de

residência, conflitos familiares e a ausência de um ambiente familiar coeso, contribui para um desempenho acadêmico insatisfatório. Essas condições criam um cenário onde a criança enfrenta dificuldades adicionais em manter uma rotina de estudos e em receber o suporte necessário para a aprendizagem, prejudicando assim o processo de alfabetização (Silva; Costa, 2021, p. 88).

A falta de apoio familiar também desempenha um papel decisivo na alfabetização. Pais que não estão envolvidos ativamente na vida escolar de seus filhos podem limitar significativamente as oportunidades de aprendizagem.

Segundo Vygotsky (2000, p.87):

A educação (recebida na família, na escola, e na sociedade de um modo geral) cumpre um papel primordial na constituição dos sujeitos. A atitude dos pais e suas práticas de criação e educação são aspectos que interferem no desenvolvimento individual e, conseqüentemente, influenciam o comportamento da criança na escola.

Para o autor, a aprendizagem da criança ocorre através das relações que estabelece com os outros no contexto sócio-histórico-cultural. Assim, a interação com a família e com os professores é essencial para o processo de aprendizagem e desenvolvimento. Esses momentos de interação devem ser de alta qualidade e empregar uma linguagem que facilite tanto a comunicação quanto a alfabetização. De acordo com Martins e Almeida (2022), o suporte familiar, que inclui o acompanhamento das tarefas escolares e a estimulação para o desenvolvimento de habilidades linguísticas, é fundamental para o progresso da alfabetização. Eles destacam que a participação ativa dos pais nas atividades educativas contribui para um desempenho escolar mais positivo e para a construção de uma base sólida para a aprendizagem futura (Martins; Almeida, 2022, p. 65).

## **IMPACTOS DA DIVERSIDADE CULTURAL NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

A diversidade cultural constitui um elemento essencial e de grande proporção no contexto educacional brasileiro, impactando diretamente o processo de alfabetização. Este fenômeno, que abrange variáveis como línguas e etnias, desempenha uma configuração das experiências de aprendizagem das crianças nas abordagens pedagógicas adotadas dentro de instituições de ensino. A

compreensão e a integração dessa diversidade são fundamentais para assegurar uma alfabetização efetiva e inclusiva.

De acordo com Santos (2018, p. 78):

A presença de múltiplas culturas e línguas pode ter um impacto complexo e multifacetado no processo de alfabetização. Quando uma criança é exposta a várias línguas desde cedo, o processo de aprendizagem da leitura e escrita pode se tornar mais desafiador devido à necessidade de integrar e discriminar diferentes sistemas linguísticos. A diversidade linguística pode influenciar tanto a construção do vocabulário quanto a compreensão dos padrões ortográficos e gramaticais, uma vez que cada língua possui regras e estruturas distintas. Além disso, o bilinguismo ou multilinguismo pode levar a um desenvolvimento mais avançado de certas habilidades cognitivas, como a metalinguagem, mas também pode criar obstáculos adicionais, como interferência linguística e dificuldades na transferência de habilidades de leitura entre as línguas. Portanto, é essencial que os métodos de alfabetização considerem essa complexidade cultural e linguística, ajustando-se às necessidades individuais dos estudantes para promover uma aprendizagem eficaz e inclusiva (Santos, 2018, p. 78).

Nessa perspectiva, um dos principais aspectos da diversidade cultural que afeta a alfabetização é a presença de múltiplas línguas e dialetos no Brasil. Conhecido por sua vasta extensão diante da pluralidade linguística, o país apresenta uma realidade complexa, na qual muitas crianças ingressam na escola com uma língua materna distinta do português, que é a língua oficial do sistema educacional. Andrade (2021) destaca que a coexistência de línguas indígenas e de outras línguas estrangeiras no ambiente familiar pode gerar desafios significativos para a alfabetização. A criança deve realizar a transição do uso de sua língua materna para o português, língua de instrução, o que pode ocasionar dificuldades adicionais, como a necessidade de desenvolver habilidades bilíngues e adaptar-se a um novo sistema de escrita, que pode diferir substancialmente daquele com o qual a criança está familiarizada (Andrade, 2021, p. 112).

Além disso, a língua desempenha uma contextualização evidente na interação com o currículo escolar e na assimilação dos conteúdos. Oliveira e Santos (2022) afirmam que uma abordagem pedagógica que não considera a diversidade linguística pode resultar em práticas de ensino que não atendem de forma adequada às necessidades das crianças que falam línguas distintas do português. A ausência de estratégias pedagógicas inclusivas pode agravar as dificuldades de

aprendizagem e limitar a capacidade das crianças de se engajar de maneira eficaz com o material didático (Oliveira; Santos, 2022, p. 98). Dessa forma, a adoção de práticas que reconheçam e valorizem a diversidade linguística é fundamental para criar um ambiente educacional mais equitativo e acessível.

A diversidade étnica também exerce um impacto significativo no processo de alfabetização. As diferenças culturais associadas a grupos étnicos variados podem influenciar as expectativas, comportamentos e estilos de aprendizagem das crianças. Almeida e Costa (2020) argumentam que crianças provenientes de diferentes grupos étnicos podem trazer para a sala de aula formas distintas de expressão e compreensão que refletem suas tradições e experiências culturais. Segundo Müller e Finger (2007), no seu artigo Teoria de Aquisição da Linguagem, designam que:

A aquisição da linguagem se dá, segundo os behavioristas, mediante a experiência que a criança desenvolve com a língua utilizada pelas pessoas que com ela convivem e é determinada, em última instância, tanto pela qualidade e quantidade da língua que a criança ouve como pela consistência do reforço oferecido a ela pelas outras pessoas em seu meio, fatores esses que determinam o grau de sucesso que ela pode vir a atingir no seu desenvolvimento. (Müller; Finger, 2007, p. 22)

O reconhecimento e a valorização dessas diferenças culturais são essenciais para o desenvolvimento de estratégias de ensino que promovam a inclusão e o respeito às identidades culturais dos estudantes (Almeida; Costa, 2020, p. 45). A falta de reconhecimento dessas diferenças pode levar a práticas pedagógicas homogêneas que não contemplam as especificidades culturais, potencialmente desintegrando os estudantes e comprometendo seu desenvolvimento acadêmico.

Ademais, a integração da diversidade cultural no processo de alfabetização exige um esforço consciente por parte dos educadores para adaptar suas práticas pedagógicas e curriculares. Silva (2021) enfatiza a importância de um currículo escolar inclusivo que reflita a diversidade cultural dos estudantes, promovendo materiais e atividades que representem as diferentes culturas presentes na sala de aula. A inclusão de textos e recursos que abordam questões culturais e étnicas permite que os estudantes se vejam refletidos no conteúdo e, simultaneamente, desenvolvam uma compreensão mais ampla e respeitosa das diversas culturas (Silva, 2021, p. 73).

Em suma, os impactos da diversidade cultural no processo de alfabetização são amplos e complexos, envolvendo aspectos linguísticos e étnicos que devem ser abordados de maneira inclusiva e equitativa. A promoção de práticas pedagógicas que respeitem e integrem a diversidade cultural pode contribuir significativamente para uma alfabetização mais eficaz e para o desenvolvimento de um ambiente educacional que valorize todas as identidades culturais presentes. A consideração desses fatores é essencial para garantir que todas as crianças tenham oportunidades iguais de aprendizado e sucesso acadêmico.

### **ASPECTOS EMOCIONAIS QUE INTERFEREM NA AQUISIÇÃO EFICAZ DA NEURO-ALFABETIZAÇÃO**

O processo de neuro-alfabetização, que se refere à integração dos conhecimentos das neurociências com a prática da alfabetização, está profundamente interligado aos aspectos emocionais. As emoções influenciam diretamente a aprendizagem da leitura e escrita, e a compreensão desses impactos pode ser enriquecida pela análise das teorias de Lev Vygotsky, Henri Wallon, Jean Piaget e Maria Montessori, que oferecem perspectivas valiosas sobre como os aspectos emocionais influenciam o desenvolvimento cognitivo e a alfabetização.

Lev Vygotsky, em sua teoria sociocultural, destaca a importância da interação social e do contexto emocional na aprendizagem. De acordo com Vygotsky, a aprendizagem é mediada socialmente e emocionalmente, sendo o apoio emocional essencial para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Vygotsky argumenta que um ambiente afetivo positivo, caracterizado por encorajamento e suporte, facilita a internalização de conhecimentos e habilidades, como a leitura e a escrita. O papel do educador é fundamental para fornecer esse suporte emocional, ajudando a criar um ambiente de aprendizagem onde as crianças se sintam seguras e motivadas, o que contribui para um processo de alfabetização mais eficiente (Vygotsky, 1998, p. 74).

Henri Wallon, por sua vez, aborda a relação entre emoções e desenvolvimento cognitivo com ênfase na afetividade e na expressão emocional. Wallon (2001) afirma que as emoções fundamentam a construção do conhecimento e o desenvolvimento das funções psicológicas. Ele enfatiza que a afetividade influencia diretamente a capacidade de aprendizagem, pois as emoções positivas e

negativas moldam as experiências educacionais e a disposição para o aprendizado. Em seu estudo, Wallon destaca que um ambiente escolar que respeite e valorize as emoções das crianças favorece o sucesso na alfabetização, uma vez que as emoções desempenham um papel na motivação e na capacidade de enfrentar desafios cognitivos (Wallon, 2001, p. 96).

Jean Piaget, com sua teoria do desenvolvimento cognitivo, também oferece introspecções sobre a influência das emoções na aprendizagem. Piaget enfatiza que o desenvolvimento cognitivo é um processo de adaptação contínua, onde as emoções podem influenciar a assimilação e acomodação de novas informações. Em sua abordagem, ele observa que a autoeficácia e a autoestima, que são aspectos emocionais importantes, impactam a capacidade das crianças de enfrentar e superar dificuldades na aprendizagem. Piaget argumenta que um ambiente que promova a autonomia e o reconhecimento das conquistas emocionais e cognitivas pode facilitar o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita (Piaget, 1976, p. 142).

Maria Montessori, por sua parte, oferece uma perspectiva prática sobre a influência dos aspectos emocionais no aprendizado. Montessori (1996) enfatiza a importância de um ambiente preparado que atenda às necessidades emocionais das crianças, promovendo a autonomia e a auto expressão. Ela argumenta que a confiança e a autoestima são fundamentais para o desenvolvimento da capacidade de aprender, incluindo a alfabetização. Montessori sugere que a criação de um ambiente de aprendizagem positivo e acolhedor, onde as crianças se sintam valorizadas e respeitadas, contribui para uma maior disposição para enfrentar desafios e desenvolver habilidades de leitura e escrita (Montessori, 1996, p. 135).

Em síntese, as contribuições teóricas de Vygotsky, Wallon, Piaget e Montessori revelam que os aspectos emocionais desempenham um papel essencial na neuro-alfabetização. As emoções influenciam diretamente a capacidade das crianças de aprender a ler e escrever, e ambientes educacionais que considerem e integrem essas dimensões emocionais são fundamentais para promover uma alfabetização eficaz. As considerações desses fatores emocionais evidenciam o desenvolvimento de práticas pedagógicas que apoiem o bem-estar emocional e cognitivo das crianças, favorecendo um aprendizado mais inclusivo e bem-sucedido.

## CONSIDERAÇÕES

Em síntese, os desafios para a alfabetização da nova geração são diversos e exigem uma abordagem multifacetada por parte dos professores. A integração de tecnologias digitais, a adaptação à diversidade cultural e socioeconômica, a superação das desigualdades na infraestrutura escolar e a formação contínua dos educadores são fatores cruciais para garantir uma prática pedagógica eficaz e inclusiva. A capacidade dos professores de enfrentar esses desafios e adaptar suas estratégias é essencial para promover o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita na era digital.

A participação ativa da família é outro fator que procede para o sucesso da alfabetização. O envolvimento dos pais no processo educativo é frequentemente associado a melhores resultados acadêmicos (Pereira, 2020). No entanto, famílias em situações socioeconômicas desfavorecidas podem enfrentar desafios que limitam sua capacidade de apoiar adequadamente os filhos. Os professores, portanto, devem desenvolver estratégias para fortalecer a comunicação com as famílias e incentivá-las a participar do processo educativo. Reuniões regulares, atividades conjuntas e a criação de um ambiente de apoio são práticas recomendadas para engajar as famílias e é importante fornecer suporte adicional aos estudantes (Almeida, 2022).

A diversidade cultural, que é uma característica marcante do Brasil, também apresenta desafios significativos para a alfabetização. O respeito e a valorização das diferentes culturas presentes na sala de aula são essenciais para criar um ambiente de aprendizado inclusivo.

Por fim, os aspectos emocionais dos estudantes, como a autoestima e a motivação, são fundamentais para o sucesso da alfabetização. Um ambiente emocionalmente seguro e positivo pode melhorar significativamente a capacidade dos estudantes de enfrentar desafios acadêmicos e desenvolver habilidades de leitura e escrita (Ferreira; Lima, 2023, p. 56).

Os professores devem implementar estratégias que promovam o incentivo positivo, a construção de uma atmosfera de apoio e a atenção às necessidades emocionais dos estudantes. Criar um ambiente onde os estudantes se sintam valorizados e seguros é crucial para o desenvolvimento de suas habilidades acadêmicas.

Em síntese, a eficácia das estratégias pedagógicas para a alfabetização depende da capacidade dos professores de enfrentar e superar desafios relacionados às condições socioeconômicas, à diversidade cultural e aos aspectos emocionais dos estudantes. A implementação de práticas que reconheçam e abordem essas questões é essencial para proporcionar uma educação de qualidade e garantir que todos os estudantes tenham a oportunidade de alcançar seu máximo potencial.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F. A.; COSTA, R. M. **Diversidade cultural e práticas pedagógicas inclusivas**. Editora Educacional, 2020, p. 45.
- ALMEIDA, M. **Educação e Inclusão: Estratégias para a Alfabetização em Contextos Desiguais**. São Paulo: Editora Educacional, 2022, p. 105.
- ALMEIDA, M.; ALMEIDA, A. M.; ALMEIDA, J. C. **O Desenvolvimento Cognitivo e a Alfabetização: Perspectivas Neurais**. Editora Manole, 2012, p. 85.
- ANDRADE, L. S. Línguas e alfabetização: desafios e estratégias no contexto brasileiro. *Revista Brasileira de Educação*, v. 26, n. 4, 2021, p. 112.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, 1988, p. 64.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília: Diário Oficial da União, 1996, p. 18.
- BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE. Diário Oficial da União, 2014, p. 12.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental – 1º e 2º ciclos**. Brasília: Ministério da Educação, 1997, p. 38.
- BRITES, A. L. **História da Educação no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2000, p. 56.
- COSTA, J. P. **Educação e Diversidade: Práticas Inclusivas na Sala de Aula**. Editora Penso, 2019.
- CARVALHO, M. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. 6 ed. Petrópolis. RJ: Vozes, 2009, p. 15.
- CUNHA, M. C. **Métodos de Ensino e Avaliação na Educação Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011, p. 88.

- FERREIRA, A.; LIMA, C. **Aspectos Emocionais na Alfabetização: Teoria e Prática**. Rio de Janeiro: Livros Acadêmicos, 2023, p. 56.
- GONZALEZ, A. M. **Educação e Sociedade: Uma Análise Histórica**. Brasília: Editora UnB, 2006, p. 142.
- KARNAL, L. **História da Educação no Brasil: Da Colônia à República**. São Paulo: Editora Cortez, 2003, p. 72.
- LEITE, S. A. da S. (Org.). **Alfabetização e Letramento: contribuições para as práticas pedagógicas**. S. Campinas: Komedi: arte escrita., 2001, p. 47.
- LIMA, A. F. **Formação de Professores e Inovações Pedagógicas: Perspectivas Contemporâneas**. Editora Cortez, 2017.
- LIMA, L. C.; OLIVEIRA, M. R. **Neurociência Cognitiva e Aprendizagem: Fundamentos e Aplicações**. Editora Vozes, 2014, p. 76.
- MACEDO, J. P. **Desafios da Educação Brasileira na Contemporaneidade**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015, p. 132.
- MARTINS, F. A.; ALMEIDA, P. R. **O papel do apoio familiar na alfabetização de crianças**. Revista Brasileira de Educação, v. 29, n. 3, 2022, p. 65.
- MONTESSORI, M. **A Criança e o Seu Mundo**. Editora Montessori, 1996, p. 135.
- MULLER, Ronice; FINGER, Ingrid. **Teorias de Aquisição da Linguagem**, 2007, p. 162. OLIVEIRA, J.; FIGUEIREDO, T. **Desigualdades Socioeconômicas e Educação: Perspectivas para a Alfabetização**. Belo Horizonte: Editora do Saber, 2021, p. 72.
- OLIVEIRA, M. J.; SANTOS, E. R. **A influência da diversidade linguística na prática pedagógica**. Editora Acadêmica, 2022, p. 98.
- OLIVEIRA, R. S. **Desigualdade e Recursos Educacionais: Desafios e Soluções para o Ensino no Brasil**. Editora UFSC, 2020.
- PEREIRA, A. B.; SANTOS, F. J. **Ciência Cognitiva da Leitura: Teoria e Prática**. Editora Penso, 2020, p. 95.
- PEREIRA, R. **Família e Escolaridade: O Impacto do Envolvimento Familiar na Alfabetização**. Curitiba: Editora Ensino, 2020.
- PIAGET, J. **A Psicologia da Criança**. Editora Martins Fontes, 1976, p. 142.
- RAMPAZZO, L. S., Corrêa, M. A. **Metodologia da pesquisa científica: da formação ao trabalho de conclusão**. São Paulo: Editora Atlas, 2008, p. 70.
- RIBEIRO, L. S.; SOUZA, J. R. **Ambiente de moradia e desenvolvimento educacional: desafios e oportunidades**. Editora Educacional, 2020, p. 52.

- SANTOS, L. **Recursos Didáticos e Alfabetização: Desafios e Soluções**. Recife: Editora Pedagógica, 2019, p. 18.
- SANTOS, C. A. **Educação multilíngue e alfabetização: Desafios e estratégias**. Rio de Janeiro: Editora Acadêmica, 2018. p. 78.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. São Paulo: Editora Cortez, 2007, p. 98.
- SILVA, E. A.; COSTA, M. L. **Conectividade Cerebral e Processos de Leitura**. Editora UFSC, 2018, p. 210.
- SILVA, M. J. COSTA, E. P. **A influência da estabilidade familiar no processo de alfabetização**. Revista Brasileira de Psicologia e Educação, v. 27, n. 2, 2021, p. 88.
- SILVA, P. R. **Currículo inclusivo e diversidade cultural: um olhar para a prática educacional**. Revista de Estudos Pedagógicos, v. 30, n. 2, 2021, p. 73.
- SILVA, R. M. **O Construtivismo e a Educação Brasileira**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2003, p. 103.
- SILVA, R.; COSTA, V. **Diversidade Cultural e Ensino: Uma Abordagem Inclusiva para a Alfabetização**. Salvador: Editora Cultura, 2021, p. 44.
- SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 67.
- \_\_\_\_\_, M. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo. Contexto, Ebook, 2016, p. 38.
- SOUSA, L. S.; ALMEIDA, P. T.; PEREIRA, C. J. **Plasticidade Neural e Aprendizagem: Implicações para a Educação**. Editora Cortez, 2016, p. 142.
- VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. Editora Martins Fontes, 1998, p. 74 - 116. VYGOTSKY, L. S. **Pensamentos e linguagens**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- WALLON, H. **A Evolução Psicológica da Criança**. Editora Martins Fontes, 2001, p. 96.